



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA- DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecida pela portaria MEC/nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2045
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



YARA NOGUEIRA RODRIGUES

**RELATOS DE UMA FUTURA PROFESSORA: EXPERIÊNCIA DE VIDA
DISCENTE.**

Ariquemes- RO
2017

YARA NOGUEIRA RODRIGUES

**RELATOS DE UMA FUTURA PROFESSORA: EXPERIÊNCIA DE VIDA
DISCENTE**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia UNIR/EaD, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o POLO do município de Ariquemes, como pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Professor (a) Dra. Neide Borges Pedrosa.

Ariquemes- RO
2017

	<p> MINISTERIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA- DIREC CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA Reconhecida pela portaria MEC/nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2045 Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental </p>	
--	---	--

**RELATOS DE UMA FUTURA PROFESSORA: EXPERIÊNCIA DE VIDA
DISCENTE**

YARA NOGUEIRA RODRIGUES

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima
 Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof. (a) Dr^a Neide Borges Pedrosa.

Membro: Prof

Membro: Prof.

Ariquemes- RO
2017

Dedico este trabalho a todas as crianças do povo que são o futuro da nossa nação, aos trabalhadores do nosso país, pois sem eles nada acontece e aos profissionais comprometidos com a Educação.

AGRADECIMENTOS

Tenho que agradecer à muitos, pois, com certeza sem a ajuda destes, não conseguiria alçar os meus estudos acadêmicos.

Em primeiro lugar agradeço à minha mãe, pelo apoio, pelo amor, por ter me gerado e me dado a vida. Ao meu pai (in memoriam), que mesmo não estando mais neste mundo, sempre me incentivou e prezou pelos meus estudos.

Ao meu esposo que faz parte da minha metade e sem o seu apoio e compreensão não conseguiria prosseguir,

Ao meu filho, motivação maior por estar aqui,

Aos meus queridos irmãos, que sempre acreditaram na minha capacidade. Á minha sogra e amiga, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos da minha jornada acadêmica, zelando pelo meu filho quando estive a estudar,

Às minhas amigas de coração que também contribuíram com a minha caminhada, Cristiane, Maria Alcina, Lucinéia.

À toda coordenação do Polo de Ariquemes, pelo apoio, incentivo, companheirismo e seriedade de sua equipe, em especial, à coordenadora Marinez de Paula Vendramel,

À coordenação do curso de Pedagogia, que sem a sua firmeza e cobrança necessária, não finalizaremos o nosso curso,

Às tutoras presenciais, Andrea, Márcia Fuza e Sônia, que me ajudaram na orientação dos meus estudos. Aos professores de Estágio, Carmen Tereza, Mirian Bertoti e Wendell de Fiori,

Às minhas colegas maravilhosas, guerreiras, em especial à Genilza, Rita de Cássia, Viviane, Dayane, Terezinha, Adenilda, Meiriluze e Marali, mas também à toda a turma que chegou até aqui junto comigo, ao apoio, às trocas de aprendizagens, às conversas formais e informais e principalmente à união de todas nós, pois isto foi o principal suporte para conseguirmos chegar até a reta final deste curso. O meu muito obrigada.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
1. OS MEUS PRIMEIROS SABERES	9
1.1 O meu Jardim de Infância	9
1.2 O Ensino Fundamental I.....	11
1.3 O Ensino Fundamental II.....	13
1.4 O Ensino Médio.....	14
2. MINHA TEMPORADA EM TOCANTINS	16
3. EM BUSCA DE UM SONHO: A UNIVERSIDADE	18
3.1 Um pouco de História em Brasília	18
3.2 Minha mudança para Rondônia.....	19
4. A UNIVERSIDADE NA MODALIDADE À DISTÂNCIA (EAD)	23
5. OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS	27
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

APRESENTAÇÃO

O presente memorial irá descrever a trajetória da minha vida até chegar ao meu ingresso na Universidade Federal de Rondônia.

Confesso que escrever o meu Memorial Formativo, ou seja, relembrar e relatar fatos que se referem à minha formação intelectual e pessoal de forma reflexiva, foi difícil, pois ao escrevermos sobre nós mesmos, automaticamente, temos que nos olhar criticamente. Isto nos faz repensar sobre as nossas ações e conseqüentemente em nossos erros passados, mas ao mesmo tempo, podemos extrair deles aprendizados importantes para se ter uma vida profissional e pessoal equilibrada.

Me pautei pela total honestidade dos fatos que aqui relato, pois para mim, esta qualidade é muito importante em todas as esferas da vida profissional e pessoal, portanto ao elaborar cada seção do meu Memorial Formativo, a nostalgia, a emoção e a reflexão me fizeram companhia.

Na primeira e segunda seções, contarei os meus primeiros anos de vida, minha infância, adolescência e juventude na escola, mesclando aspectos pessoais e trajetória estudantil.

Na terceira seção, relatarei a minha vida destinada a servir a uma causa, que foi a educação popular. Através de movimentos sociais, me dispus a vir para Rondônia com o objetivo de alfabetizar o povo do campo e com isto, me vi na necessidade de me formar no curso superior de Pedagogia para melhor aprofundar esta causa.

Na quarta, vou relatar como se deu o meu ingresso na faculdade, as dificuldades que encontrei, a adaptação em estudar num curso à distância, os pontos positivos e negativos desta forma de ensino e por fim, minhas aprendizagens.

Na quinta seção, vou descrever as minhas experiências nos estágios supervisionados e a sua importância no meu aprendizado como acadêmica, unindo os meus conhecimentos teóricos juntamente com a prática.

Na conclusão, vou fazer uma análise crítica e autocrítica do curso, da minha vida discente e da aprendizagem que obtive, pensando a educação como um instrumento transformador da sociedade.

1. OS MEUS PRIMEIROS SABERES

Nasci em Goiânia, no mês de julho de 1979. Sou a quarta filha, entre os oitos que minha mãe gerou, sendo seis moças e dois rapazes gêmeos idênticos. Nasci em Goiânia, porém, minha mãe residia em Brasília nesta época, porque meu pai estava cursando a faculdade de Agronomia.

Meu pai e minha mãe são naturais de Goiás, minha mãe de Goiânia e o meu pai de Goiás Velho, hoje esta cidade é considerada patrimônio público da Humanidade.

Minha mãe veio de uma família tradicional de Goiânia e meu pai era filho de professores.

Ela não terminou os seus estudos, pois teve que se dedicar à família, em especial aos filhos, parou de estudar na 8ª série do 1º grau, já o meu pai continuou os seus mesmo depois de casado, terminou a faculdade e se tornou engenheiro agrônomo pela Universidade de Brasília.

1.1 O meu Jardim de Infância

As minhas primeiras lembranças que tive relativos à vida escolar foi no meu Jardim de Infância, nesta época, me lembro que tinha seis anos ou menos, não gostava de ir pra lá, me sentia insegura, a visão que eu tinha da minha professora era de uma bruxa que só gostava das meninas bonitas e sabidas, dei trabalho pra minha mãe porque resistia ao máximo para ir para a escola, tinha vezes que precisava mais de uma daquelas mulheres para me segurar pra que minha mãe fosse embora e mesmo assim não me adaptei.

Como não era obrigatório estudar nesta idade naquele tempo, minha mãe me tirou de lá.

Quando completei sete anos fui estudar na Escola Classe e Escola Parque perto do meu prédio, em Brasília.

Estas escolas apresentavam finalidades diferentes, na Escola Classe, as crianças tinham aulas direcionadas ao aprendizado intelectual e cognitivo, que no meu caso era a alfabetização, eu ficava horas copiando o alfabeto no quadro para podermos “fixar” as letras, eu fazia quase tudo certo, se não fosse a letra “h”, não entendia pra quê ela existia.

Eu me lembro que nesta Escola Classe, eu tive duas professoras, uma chamava-se Ângela, a qual me deu a primeira lição de vida, eu a fiz uma pergunta que sinceramente não me lembro qual foi e ela me disse que não sabia, então eu a indaguei, “mas você não é professora? E ela me respondeu que o fato dela ser professora não implicava saber tudo, os professores não sabem tudo, aliás ninguém nesta vida sabe tudo. Eu realmente achava que professor tinha que saber tudo, fiquei até decepcionada, mas hoje vejo que eu pensava assim devido ao método tradicional de ensino que a própria escola praticava, onde os professores se apresentavam como os detentores do saber.

Para melhor entendimento a respeito desta tendência, Libâneo apud Luckesi (1990a) conceitua:

Na tendência tradicional, a pedagogia liberal se caracteriza por acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, no qual o aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa. Os conteúdos, os procedimentos didáticos, a relação professor-aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. É a predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual. (p. 55).

Posso concluir que a minha vida escolar nesta fase foi baseada nesta forma de ensino.

A outra professora que tive era tão ruim que nem me recordo de seu nome, ela batia nos meus coleguinhas com uma régua, chegou a quebrar uma nas costas de um destes, eu contei pra minha mãe, ela disse que se ela fizesse isto de novo era para eu contar para a diretora, assim o fiz, tive um pouco de medo, mas fiz e ela acabou saindo da nossa sala.

Nas Escolas Parques, a finalidade era promover a recreação e jogos, era uma vez por semana, a nossa turma ficava o dia todo, era integral, por isso tínhamos diversas atividades, as que mais me lembro era das cantigas de roda, aprendi a cantar várias músicas, algumas que me marcaram bastante foi “Escravos de Jó”, “A canoa virou”, Sapo Cururu”, “O Cravo e a Rosa”, “Ciranda Cirandinha”.

Além destas atividades que participei no meu jardim de infância, acho importante relatar que as brincadeiras também faziam parte do meu cotidiano familiar, cresci entre irmãos e primos e por isso brincávamos muito.

Nossas brincadeiras são as mesmas que as crianças desta atual geração continuam tendo muito gosto de brincar, as ditas brincadeiras tradicionais, que mesmo com o avanço tecnológico não ficaram no esquecimento.

Brincamos de Pega-Pega, Esconde-Esconde, Passa-anel, Adedonha, Pula-Corda, Amarelinha, Rouba-Bandeira, Corre-Cotia, Ciranda de Roda, usávamos a imaginação e inventávamos diversas brincadeiras e brinquedos, como de “Perdidos na selva”, de Casinha na roça, de Médico, de Escolinha, de jogos como dama, baralho, dominó, mímica.

Eu posso dizer que eu tive o privilégio de ter tido infância, fui muito feliz nesta fase, principalmente pelo fato de ter as brincadeiras como parte do meu cotidiano, hoje como uma futura professora, percebo o quão as brincadeiras são atividades essenciais para promover o ensino aprendizagem e o desenvolvimento pleno da criança.

1.2 O Ensino Fundamental I

Depois que meu pai se formou, mudamos para Goiânia, como eles sempre foram preocupados com os nossos estudos e devido às escolas públicas não oferecerem um ensino de qualidade, eles fizeram de tudo para pagar escolas particulares para nós, mas as circunstâncias financeiras foram se agravando, mesmo meu pai tendo a sua própria firma e como sabemos, ele tinha um custo alto de despesas tanto do trabalho e pessoal, optaram por tentar vagas para nós em escolas conveniadas que também tinham um certo respaldo.

Mas para conseguir estas vagas era preciso passar numa provinha que a escola fazia a fim de seleção, quem tirava mais pontos, conseguia a vaga.

Vi-me pela primeira vez tendo que enfrentar provas para poder ganhar uma vaga numa boa escola, desde esse momento até a faculdade, me deparei em disputar vagas em escolas consideradas de qualidade pelos meus pais.

Ainda bem que consegui passar nesta minha primeira prova com caráter classificatório.

No meu primeiro dia de aula, fizeram uma reunião com os pais, quando vi quem seria minha professora, quase fugi igual no jardim de infância, neste período eu já ia para a segunda série, mas resisti à vontade de fugir e fui para minha sala.

Pela primeira vez, a bruxa se tornou fada! Graças a essa professora, que se chamava Olga, passei a ter gosto pela leitura e pela escrita, ela era rígida mesmo, como bem tive a impressão, mas era também carinhosa.

Não dá pra negar que o método de ensino era tradicional, a professora se achava a detentora do saber, conversas não podiam acontecer, o modelo skineriano era aplicado na sala de aula. Este modelo funcionava da seguinte maneira: cada estímulo se tem um comportamento e uma resposta, este poderia ser reforçado de forma positiva ou negativa em situação de aprendizagem. Os reforçadores são positivos quando fortalecem o comportamento devido à adição de algum estímulo e negativos quando fortalecem o comportamento devido à subtração destes. Um exemplo do reforço negativo era quando algum aluno não fazia a tarefa ou ficava conversando, a professora o deixava de castigo, e do positivo, era quando, por exemplo, líamos o livro e contávamos a história para a turma, com isto ganhávamos uma estrela a cada livro lido e contado, estas estrelas eram coladas num cartaz na parede da sala.

Mas no pré-requisito a incentivar a ler e escrever, esta professora era maravilhosa, ela nos ajudou bastante, ela tinha um método que era assim: nós escolhíamos um livro, tínhamos um tempo determinado para ler e depois de lido, nós tínhamos que contar toda a história do livro para a turma inteira, era muito interessante porque ficava um clima de curiosidade e prazer, curiosidade em saber a história do livro contada por um colega e prazer em se envolver na história.

Mas as brincadeiras não aconteciam na escola, eu brincava mais na rua ou com os meus primos, por isso a escola não era vista por mim como um lugar prazeroso, mas um lugar de obrigação, muitas vezes, mesmo sendo uma boa aluna, pedia pra minha mãe para não ir à escola e ela não deixava, eu perguntava o porquê e ela respondia simplesmente que era preciso ir à escola, mas esta resposta não era suficiente para as minhas indagações.

Das atividades relacionadas à recreação que me lembro e que me faziam muito feliz era a quadrilha, dancei todos os anos que estive nesta escola, inclusive o meu parceiro era o filho da zeladora, ninguém queria dançar com ele e eu me ofereci para ser seu par, diziam que ele era doente, tinha uma doença muito grave e contagiosa, AIDS, mas eu não me importei, a solidariedade e a empatia falaram mais alto, como bem expõe os Parâmetros Curriculares Nacionais, do volume 10 sobre o tema Pluralidade Cultural: “Desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem discriminação” (BRASIL, 1997a, v.10, p. 43); e o mais importante disto tudo era

ver a felicidade de sua mãe e o orgulho que a minha teve de minha atitude de romper com o preconceito.

Desde este momento nasceu em mim uma vontade de combater tudo que faziam as pessoas tristes.

1.3 O Ensino Fundamental II

Estudei com esta professora da 2ª a 4ª série, quando chegou ao término do 4ªsérie, ela preparou a nossa turma para fazer a prova de seleção de ingresso na 5ª, numa escola que era vinculada à nossa, por isso para poder garantir a minha vaga nesta, mais uma vez tive que passar por mais uma seleção e graças a Deus, consegui passar neste teste.

O método de ensino desta também era o tradicional, o que se diferenciou nesta etapa da minha vida escolar é que dentre as disciplinas normais, ou seja, matérias ofertadas pelo Ensino Fundamental II como Português, Matemática, História, Geografia, Inglês, Ciências, Ensino Religioso e Educação Física, tínhamos algumas atividades extraclasses que fazíamos e que eu gostava bastante, dentre elas artes, datilografia, coral e vôlei, também brincávamos muito de queimada, esta brincadeira marcou muitíssimo a minha vida nesta etapa, eu amava jogar queimada. Dentro desta atividade fiz amizades inesquecíveis, pessoas que mantenho certo contato até os dias de hoje.

Em relação às matérias ensinadas em sala de aula, o que eu mais gostava era Ciências, História e Geografia, gostava mais destas porque os professores faziam aulas diferenciadas, por exemplo, na de ciências sempre tinha alguma experiência que a professora levava para fazermos, como, por exemplo, as partes das flores, a diferenciação entre frutos e legumes, as funções dos alimentos, até uma vez ela fez uma atividade onde se formaram os grupos e cada um destes tinham que trazer um prato que tivesse pelo menos dois tipos de alimentos que precisávamos no organismo, foi muito divertido, além da feira de ciências que acontecia todos os anos.

Outra atividade que amava nesta época de colegial, eram as gincanas beneficentes, nossa turma se propunha a andar de casa em casa ao redor da escola para pedir alimentos, roupas, calçados, agasalhos para uma instituição carente de menores que a escola fazia parte, quem conseguisse mais benefícios, ganhava um dia no clube do

Serviço Social do Comércio de Goiás, SESC/GO e a nossa turma ganhava todo ano, fomos campeões desde a 5ª até a 8ª série.

Nas aulas de História e Geografia o que mais me marcou foi a visão crítica de uma das professoras, foi bem nesta época que descobri que o nosso país, o grande Brasil, não tinha sido descoberto e sim invadido e saqueado e que os índios que eram os povos nativos e os verdadeiros donos de nossa terra.

Aprendi também que os portugueses mataram muito índios, trouxeram os negros para cá para servirem de escravos aos senhores de terra e que o nome Brasil foi dado devido a uma madeira vermelha muito preciosa, chamada pau-brasil que os invasores extraíam para tirarem o seu pó vermelho para a confecção de tinta.

Mas o que mais me comoveu foi um curta-metragem que assisti que me fez começar a refletir em qual sistema nós vivemos, o capitalismo, este curta se chamava “Ilhas das flores”, escrito e dirigido por Jorge Furtado, produzido por Giba de Assis Brasil, Mônica Schmiedt e Nôra Gulart e mostrava que neste sistema, os porcos são mais bem alimentados que os humanos, uma realidade triste e chocante! Impressionei-me muito com este vídeo ao ponto de chorar e sonhar vários dias com esta situação.

Enfim fizemos nossa formatura, um ciclo se fechava e outro surgia, o segundo grau.

1.4 O Ensino Médio

Como de costume mais uma vez me vi tendo que encarar outra seleção, agora era para entrar na famosa Escola Técnica Federal de Goiás, ETFGO que posteriormente se chamaria Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás, CEFET-GO que todos falavam que era uma das escolas modelos de Goiás para quem não podia pagar escola particular e também, nesta época estava em alta falar do ensino técnico profissionalizante que na verdade era uma política do Estado para qualificar a mão de obra para os futuros trabalhadores se adaptarem às novas exigências do mercado, como já conceituou Libâneo apud Luckesi (1990b, p. 55 e 56): “A tendência liberal tecnicista subordina a educação à sociedade, tendo como função a preparação de “recursos humanos” (mão de obra para a indústria)”.

Também consegui passar para poder me ingressar nesta escola, porém passei para o Básico, que era uma turma formada por estudantes de segunda chamada, ficaríamos um ano na escola e se tivéssemos notas boas, ao final do ano, poderíamos

escolher um dos cursos oferecidos, mas a partir do momento que começaram as minhas aulas, tudo mudou na minha vida.

Neste momento, eu já estava com quinze anos completos, na minha casa se passava uma tempestade, meus pais brigavam muito, meu pai cada dia mais se afundava no álcool, as condições financeiras pioravam, por isso meu pai resolveu vender a nossa casa, e com o dinheiro compraria uma data e construiria outra, minha mãe não foi consultada antes e por isso as brigas e conflitos de ideias entre eles aumentaram, sempre tendo como motivo o que faziam com o dinheiro da casa.

No meio destas desavenças estava eu e meus irmãos confusos e inseguros com os nossos destinos até que tivemos que nos separar, porque não tínhamos mais onde morar, eu e os meus irmãos mais novos fomos para a casa da minha avó materna e minhas irmãs mais velhas foram para casa da minha tia, até os meus pais decidirem o que fazer com o dinheiro da casa.

Por isso a minha escola era o meu refúgio, eu ficava o dia inteiro na escola, pois minhas aulas eram de período integral, eu comecei a matar aula, tinha um parque de diversões do lado da escola e muitas vezes ao invés de estudar, eu ia para este lugar, assistia aula, mas acho que faltava mais do que o normal.

Sobre as matérias, nesta época nada me interessava, odiava a professora de Português, comecei a estudar Física, mais dormia do que ficava acordada, o que eu gostava um pouco era das aulas de Sociologia, onde podíamos debater mais sobre os acontecimentos, lembro-me que nesta época falavam muito das privatizações das estatais e por fim as aulas de teatro, nestas sim, eu me encontrava!

Além destas dificuldades que estava passando, um acontecimento marcou de vez a minha adolescência, como muitas mulheres no Brasil, sofri um abuso sexual, acredito que não precisarei contar os detalhes disto, mas o que posso afirmar é que neste momento, as pessoas que mais me ajudaram foram justamente aquelas que eu não queria me aproximar, meu pai e minha mãe.

Eu descobri de verdade que eu tinha pais. Saí da escola e fui passar uma temporada com o meu pai em Tocantins.

2. MINHA TEMPORADA EM TOCANTINS

Posso dizer que foi neste período da minha vida que pude conhecer de verdade o meu pai, pois como ele viajava muito, trabalhando, ele passava pouco tempo com os filhos.

Tocantins era um Estado novo, antes este território pertencia a Goiás, quando minha vizinha, a mãe do meu pai faleceu, ele resolveu fazer uma prova de concurso para fiscal arrecadador de renda neste Estado e passou. Minha mãe não quis acompanhá-lo e ele foi sozinho.

Quando fui para Tocantins, havia dois anos que meu pai havia se mudado para lá. A casa dele era muito grande, ele dividia a casa com um colega de trabalho.

Como ele fazia escala de plantão de 24 horas, alguns dias ele não dormia em casa, então eu ficava com uma menina que limpava e cozinhava para ele. Inclusive o meu primeiríssimo contato com a experiência de dar aula foi com esta moça, pois meu pai pediu para eu ajudar ela a fazer contas, ler e interpretar textos e assim o fiz, até que adição ela ia bem, mas o resto ela não conseguia compreender, então me lembrei de como meus professores me ensinavam Matemática e devido a isto, não contribuí muito, pois minha relação com a Matemática sempre foi conflituosa.

Reproduzi os mesmos métodos que os meus professores me ensinaram, ou seja, na adição, fazer os risquinhos, na subtração, pedir emprestado e na multiplicação, decorar a tabuada, enfim, modos de memorização que nada tem a ver com o significado destas operações em nossa vida prática.

Ajudei a referida moça a ler e interpretar, assim me senti útil e, além disto, percebi a diferença de nível na educação entre Goiás e Tocantins, sendo que em Goiás demonstrava-se mais qualidade do que no outro estado.

Meu pai conversou muito comigo sobre a vida, sobre os valores, sobre a nossa sociedade, cantamos muitas músicas, pois ele era um ótimo violeiro, e sinceramente, tinha um repertório musical de primeira qualidade, desde a música popular brasileira, samba de raiz, sertanejo também de raiz e a até músicas clássicas.

Agradeço imensamente por ter tido oportunidade de poder conhecer a música na sua pureza e na sua arte e não como hoje, onde ela se tornou meramente mercadoria.

Conviver esse momento com o meu pai foi muito importante, pois ao me aproximar dele, me senti acolhida e isto é o que eu mais precisava, porque me sentia muito confusa, insegura, sem perspectiva, sem autoestima, e de repente me vi amparada

e amada por ele, isto me fez refletir sobre os meus atos e a visão que eu tinha dele, pois meu pai sempre foi muito bravo, autoritário, e também tinha o problema do alcoolismo, por isso não o via como um pai de referência. Com esta aproximação e convívio, o respeito surgiu.

Dentre as inúmeras conversas que tivemos, me incentivou a fazer uma nova seleção para o CEFET-GO, onde me ajudaria nos estudos.

E assim foi. Estudei bastante, voltei para Goiânia, fiz a prova e passei, só que desta vez, foi melhor, pois passei na primeira chamada e consegui pontuação para entrar diretamente no curso de Saneamento, e deste período até o final, com o apoio psicológico e da família, consegui normalizar a minha vida escolar.

Amei a escolha que fiz, me identificava com o curso, várias coisas me marcaram nesta etapa, por isso vou relatar aquelas que foram essenciais, por exemplo, a ida ao lixão da cidade, à estação de tratamento de água e esgoto, as aulas laboratoriais de análises de água, o desenho técnico me fez render até um dinheirinho, pois meu professor me pagava para fazer as plantas de suas construções e também o teatro, não parei de fazê-lo, apresentei algumas peças teatrais, dentre elas, “Os Saltimbancos”, de Chico Buarque, algumas peças de caráter de teatro de rua, e uma de Moliere, cuja qual não me recordo o nome, experiências importantes que marcaram a formação do meu caráter e auto estima dentro do turbilhão de contradições que aconteciam na minha vida pessoal.

Também neste período, arrumei o meu primeiro emprego, dentro da escola mesmo, na biblioteca, já gostava de ler, mas quando comecei a trabalhar ali, aí sim que meu gosto se intensificou, um dos livros que me marcaram foi Dom Casmurro, de Machado de Assis e Cem anos de solidão de Gabriel Garcia Márquez, também assisti a muitos filmes, como Mozart, Tomates Verdes Fritos, A Casa dos Espíritos, O Auto da Compadecida, Carandiru. Cinema Paradise, A Vida é Bela, A lista de Schindler, Laranja Mecânica e um que em especial que me emocionou bastante e que tem relação com a minha profissão de educadora, foi A Sociedade dos Poetas Mortos.

Consegui o diploma de Técnica, mas infelizmente não exerci a profissão, comecei então o período de estudar para o vestibular para ingressar na universidade, inicialmente queria ser bióloga, mas infelizmente não conseguia passar, além disto, precisava trabalhar, já era maior de idade, então trabalhei de secretária numa floricultura, depois num escritório de arquitetura, e mais tarde no programa de cadastramento do cartão do Sistema Único de Saúde (SUS), em meio a isso, sempre

prestava vestibular, mas não passava, era preciso me dedicar mais aos estudos e não podia devido ao trabalho.

3. EM BUSCA DE UM SONHO: A UNIVERSIDADE

Quando terminei meus estudos, como relatei acima, tive dificuldades em passar no vestibular devido às condições que estava vivendo nesta época, trabalhava e não conseguia estudar o tempo suficiente para passar numa universidade pública e nas particulares, as condições financeiras eram insuficientes para me manter.

O pior foi quando fiquei desempregada e também a fatalidade do falecimento do meu querido pai.

Este acontecimento foi como um tiro de bala no meu coração, como é desesperador e inexplicável a dor da morte de um ente querido! Eu fiquei sem chão, com muitas perguntas a fazer e sem nenhuma possibilidade de respostas.

Foi um período de reflexão para a minha vida, eu ficava lembrando vários fatos que vivenciei com meu pai e uma das coisas que ele falava era sobre termos uma profissão, pois dizia que as pessoas para serem felizes, precisavam de duas coisas, ser feliz no amor e na profissão.

Por isso, fiquei tentando achar o que me faria feliz profissionalmente mesmo sem um rumo certo a tomar, de repente minha irmã me chamou para ficar um tempo com ela em Brasília, então foi neste momento que o meu sonho começou a ser construído sem que me desse conta.

3.1 Um pouco de História em Brasília

Foi um período difícil pra mim porque me sentia insegura em relação ao meu futuro profissional, como disse, minha irmã que morava em Brasília, me chamou para passar um tempo com ela e logo arrumei um emprego no Shopping e assim fui passando um tempo lá.

Mas o que mais me marcou nesta época foi quando conheci um grupo de estudantes que estavam construindo uma escola popular de alfabetização e reforço no bairro onde eu morava, e então comecei a participar das atividades, tanto do trabalho de arrecadação e mutirão, quanto das atividades de reforço, também montamos um grupo

de teatro e apresentamos “Os Saltimbancos”, uma peça teatral infantil escrita por Chico Buarque.

Era muito gratificante trabalhar com as crianças e adultos carentes, me sentia útil em poder ajudar de alguma forma aquelas pessoas tão necessitadas.

Vários professores e estudantes participaram desta escolinha chamada Bertold Brecht, e dentre estes momentos aconteceu um grande encontro com estudantes universitários e surgiu uma oportunidade pra eu trabalhar em uma escola em Rondônia com o povo do “Massacre de Corumbiara”, era uma escola camponesa que estava fechada devido à repressão do latifúndio daquela região, que temia que aquela escola pudesse despertar os camponeses para a luta pela terra.

Não foi fácil tomar esta decisão, porque não conhecia Rondônia e não tinha nenhum parente nesta região, mas lembrei do meu pai, que também morou na região Norte por um tempo até a sua morte e ele sempre falava que os nortistas eram pessoas que tinham duas qualidades muito importantes para um ser humano: a humildade e a coragem, de fato eu percebi isto quando estive em Tocantins, as pessoas eram muito receptivas e prestativas, isso me ajudou a decidir partir rumo à Rondônia.

3.2 Minha mudança para Rondônia

Mudei-me para Corumbiara, Rondônia, para recomeçar um trabalho de educação popular naquela região.

Corumbiara é um pequeno município localizado no sul do Estado de Rondônia, sua colonização aconteceu a partir de 1980, com a chegada de colonos para tomarem posse de lotes rurais doados pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), mas esta cidadezinha só foi elevada à categoria de município e distrito com a lei Estadual nº 377, de 13-02-1992, desmembrando-se dos municípios de Colorado D’Oeste e Vilhena.

Mas na verdade esta cidade só foi mais popularmente conhecida depois do acontecimento que marcou para sempre a vida dos trabalhadores rurais daquela região, o “Massacre de Corumbiara”.

Este fato ocorreu em meados do ano de 1995, quando mais de 600 famílias de camponeses sem terras se organizaram para ocuparem um grande latifúndio, uma fazenda chamada “Santa Elina”. Esta grande área de terra se encontrava improdutiva e por isso poderia ser destinada à reforma agrária, mas o seu dito dono, Antenor Duarte,

juntamente com jagunços e policiais, com o aval do Governador do Estado, que na época, era o atual Senador Valdir Raupp, cercaram o acampamento e realizaram uma brutal chacina de jovens, crianças, mulheres e idosos que ficou famosa por causa dos requintes de crueldades que estes orquestraram naquele local.

Na zona rural deste município se encontrava alguns assentamentos criados pelo INCRA e foi num destes que eu comecei a minha vida de educadora popular, no assentamento Vitória da União na linha VP-14, onde se encontrava uma escola criada por camponeses e foi muito perseguida pelos agentes do latifúndio daquela região e por isto ficou desativada e foi exatamente neste momento que resolvi me mudar para este lugar, mas a realidade nesta época era um pouco diferente, a luta pela terra tinha ganhado força e com isto o latifúndio perdia o seu poder.

Eu parava na casa de um casal camponês, que eram idosos e pais das vítimas da chacina. Eles cuidavam de uma neta, que nesta época tinha treze anos, eu dividia o quarto com ela, todos eram simples e humildes, a casa, na verdade era um casebre, eles passavam por algumas dificuldades financeiras, somente o senhor era aposentado e o lote que eles possuíam era formado com pasto, onde eles criavam umas vaquinhas, tiravam um pouco de leite para vender para complementar as suas rendas.

Naquela redondeza que eu me encontrava, a maioria dos camponeses eram parentes das vítimas do massacre ou mesmo as próprias vítimas, este era o público alvo com o qual eu iria trabalhar.

Muitos relatos horripilantes dos camponeses eu ouvi sobre o acontecido naquela batalha, dentre eles contavam da crueldade e covardia que os jagunços e policiais fizeram, via nos olhos daquelas pessoas, o medo e ao mesmo tempo a revolta, a vontade de se vingar de alguma forma daqueles que cometeram estas torturas e assassinatos.

Foram registradas 16 mortes, entre elas a da pequena Vanessa, que só tinha sete anos de vida, morreu decorrente de uma bala perdida, seu nome foi dado ao assentamento decorrente do massacre, “Assentamento Nova Vanessa”, além disto foi feito um poema em sua homenagem.

Pois então, comecei o trabalho nesta escola me organizando juntamente com outro professor que morava lá também, o primeiro passo foi fazer uma reunião com os sitiantes que moravam ao redor da escola e que tinham crianças em fase escolar, também convoquei o conselho tutelar da cidade para participar e alguns professores da rede oficial, mas estes não compareceram, somente os moradores e o conselho, fizemos

a reunião com o intuito de divulgar a ideia de reabrir a escola e fazer funcionar as atividades de reforço, recreação e alfabetização de jovens e adultos.

A outra etapa foi conhecer a comunidade local, passei de casa em casa para me apresentar e me familiarizar com o ambiente.

Fui muito bem recebida e por isso me adaptei facilmente, comecei a trabalhar com o reforço, para isso me desloquei até a escola da rede municipal que aquelas crianças estudavam para ver quais eram as dificuldades enfrentadas tanto pelas crianças como pelos professores, a escola era bem simples, banheiros pequenos e sujos, merenda pouca, como de costume, tudo precário.

Comecei com leitura e interpretação de textos, caça palavras, contar histórias, as quatro operações, inicialmente com adição e subtração, tudo bem fácil, porque o nível das crianças era assim.

Também fiz um cronograma de acordo com os horários das crianças, estabelecendo os horários das aulas de reforço e recreação, tentei de forma empírica me planejar de acordo com a realidade daquele local.

Aprendi como o planejamento é importante para se desenvolver o trabalho na escola de forma consciente, principalmente quando é feito tendo como princípio alguns fatores como:

O planejamento é um processo de racionalização, organização de coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola, os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais, tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classes. Isso significa que os elementos do planejamento escolar – objetivos, conteúdos, métodos – estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por essa razão, o planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações; se não pensarmos detidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes na sociedade. A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é, antes, a atividade consciente de previsão das ações docente, fundamentadas em opções políticas pedagógicas, e tendo como referência permanente as situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que interagem no processo de ensino. (LIBÂNEO, 1987, p. 222.)

Portanto os resultados que obtive com o funcionamento da escola popular foi consequência de um planejamento condizente com a realidade daquela localidade.

Infelizmente não consegui formar a turma de alfabetização devido às questões de

horário e estrutura, na linha da escola não tinha energia e os adultos só podiam estudar no período noturno, propus usarmos lampiões, mas a maioria deles sofria com problemas de vista, por isso, resolvi adiar esta atividade porque não consegui resolver de imediato esta situação.

Estudei os princípios das escolas famílias agrícolas, pois aquela escola já havia funcionado neste modelo e me apaixonei pela sua ideologia, ou seja, uma ideologia vinculada à teoria e à prática.

Procurei conhecer os professores da cidade, o secretário de educação, mas o fato de não ser formada em Pedagogia, da escola ser vinculada com a luta pela terra, fazia com que estes não me dessem a atenção devida.

Trabalhei então praticamente de forma independente e voluntária, me mirei na força de vontade e consegui realizar várias atividades com aquela comunidade perto da escola popular, além da aula de reforço, fazíamos atividades físicas, como exercícios aeróbicos e de alongamento, organizamos a biblioteca junto com os adolescentes, fizemos uma horta coletiva com o grupo das mães, realizávamos cultos religiosos, torneios de futebol, a escola conseguiu voltar a funcionar principalmente por causa da participação ativa dos pais e da comunidade em geral.

Tínhamos um dia de reunião de quinze em quinze dias para fazermos a avaliação e balanço sobre as atividades da escola. Isso era o que mais ajudava a melhorar a nossa prática nos próximos meses. Este ritmo durou mais ou menos um ano e meio.

Mas tudo que é bom dura pouco, começaram os problemas, o principal foi com um morador que tinha cedido a área da escola, ele queria a área de volta, ele percebeu que a escola estava indo muito bem e acabou “crescendo os olhos” em cima do nosso trabalho, alguns falavam que a área não era dele, era da associação, mas para evitarmos a confusão, acabamos cedendo e aquele trabalho chegou ao fim.

Continuei dando aulas de reforço para as crianças de casa em casa, mas não consegui dar prosseguimento.

Também dei algumas aulas na escola da prefeitura, mas como não tinha curso superior ou o antigo normal, como a LDB, Leis de Diretrizes e Bases, já ressalta no seu Artigo 62, não pude prosseguir com a turma:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil

e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (BRASIL, 1996, p. 44.)

4. A UNIVERSIDADE NA MODALIDADE À DISTÂNCIA (EAD)

Quando parei de trabalhar na escola popular de Corumbiara, conheci o meu primeiro marido, sei que estamos numa sociedade que se diz moderna e avançada, mas para muitos ainda é estranho que uma mulher se case mais de uma vez, e eu fui uma dessas várias que com a cara e a coragem me separei e depois de oito meses me casei novamente.

Estou até os dias de hoje no meu segundo casamento, tive um lindo filho, e nesta época me dediquei a ser mãe e esposa, mas chegou um momento que novamente me vi com a necessidade de ter uma profissão e já não queria mais ser bióloga, mas sim professora.

Comecei a estudar para um vestibular que a Fundação Universidade de Rondônia, estava abrindo para formar turmas de educação à distância, para cursos de Licenciatura em Pedagogia, Letras e Gestão Pública, logo me inscrevi para Pedagogia, mas confesso que nem sabia como era esta modalidade à distância.

Depois de um mês veio o resultado e eu havia passado, foi aquela correria para me matricular.

Mas houve um problema de fraude do dinheiro destinado a estes cursos, e a polícia federal interditou por um ano e meio o início de nossa turma, portanto começamos a estudar somente depois de um ano e meio que tínhamos passado.

A secretária da coordenação do polo de Ariquemes me ligou dizendo que tínhamos a primeira aula, finalmente tinha chegado a hora de cursar Pedagogia, me organizei para ir a Ariquemes, pois morava em Jarú.

Este foi o primeiro contato que tive com a plataforma Moodle e a Área Virtual do Aluno, AVA, para mim isto era tudo confuso, novo, me assustei um pouco, porque fazia um tempo que não tinha acesso ao computador e internet e por isso tinha me desacostumado com as ferramentas tecnológicas.

Depois desta apresentação, no outro dia, tivemos a primeira aula, com a professora Ilka da disciplina de Produção de textos.

Nossa! Como gostei daquela aula! Ela desenvolveu uma ótima dinâmica em sala, mesclou aspectos teóricos sobre a escrita e juntamente com alguns filmes,

complementou o seu conteúdo. Passou duas tarefas para realizarmos em casa e postarmos na plataforma. Depois foi aplicada a prova que seria em grupo e presencial.

Não tinha computador nesta época, tive que ficar indo nas Lan-houses da cidade para fazer as atividades postadas, mas num certo dia, quando cheguei em casa, me deparei com um presente em cima da minha cama: um computador novinho! Ganhei do meu esposo, como me senti feliz e grata! Consegui um rabicho de internet com minha vizinha e assim organizei melhor os meus estudos.

Li as apostilas, fiz as atividades nelas contidas e também a atividade que a professora passou, mas me deparei com dificuldades em postar na plataforma, estava chovendo muito e acabei tendo que ligar para a tutora, ela me atendeu na hora e o problema era que eu tinha me cadastrado com uma senha e esta não estava sendo aceita, a tutora tentou também entrar e nada, ela tentou colocando com as letras maiúsculas e deu certo, que alívio!

Deste dia em diante, comecei a me familiarizar com as ferramentas da tecnologia e não tive muitos problemas em me adaptar.

Os problemas que surgiam eram de outra natureza, no começo, era para os professores ministrarem suas aulas presencialmente no polo, depois de dois meses do curso, já se modificou, as aulas seriam feitas na forma de vídeo conferência o que não funcionou, por isso definiu-se que as aulas seriam gravadas e enviadas na plataforma juntamente com os materiais para que realizássemos as atividades.

Sentia-me um pouco perdida, mas nunca quis desistir, mesmo sem muitas respostas, os professores, além de disponibilizarem a vídeo aula, postavam os seus materiais, geralmente apostilas e também filmes que complementavam o conteúdo e muitos filmes que assisti, em especial, um chamado “Em nome de Deus” me fez entender mais profundamente o significado do que é a educação para a sociedade e também consegui entender onde eu me encontrava na profissão, ou seja, para levar o conhecimento científico para o povo.

Várias matérias me fizeram me apaixonar pelo curso, Sociologia, Filosofia, Educação Ambiental, Indígena, Psicologia da Educação, Educação Infantil, e Antropologia.

Em Sociologia, cujo professor era Ms. Renato P. de Almeida Neto, me mostrou mais claramente como a sociedade de classes é organizada, que vivemos num sistema chamado capitalismo e que o que interessa para estes que o representam, ou seja, a burguesia, é somente a lei do mercado, do consumo, desprezando assim o fator humano.

Em Filosofia, com o professor Dr. Marcio Secco, também seguiu a mesma ideia de sociologia, porém nos decorre a trajetória do pensamento metafísico para o materialismo dialético, porém estes pensamentos são defendidos por classes que possuem interesses antagônicos, sendo que o primeiro defende a perpetuação da classe de opressores e oprimidos e o segundo, defende a visão transformadora da sociedade.

Em Educação Ambiental, ministrada pelo professor Isaac Lucena, o que mais me interessou foi a visão de que para vivermos num mundo em que se respeite a natureza, teremos que mudar a nossa ideologia de vida, ou seja, procurar ter atitudes de vida sustentável, usufruindo do que a o meio ambiente tem para nos proporcionar no presente, porém pensando nas gerações futuras e não somente nas necessidades momentâneas, além disto, é preciso combater de forma ampla e sistemática todas as ações humanas que possam prejudicar os nossos recursos naturais e criar políticas de prevenção, compensação e conscientização, pensando numa transformação de toda a sociedade.

Na Disciplina de Educação Indígena, com o professor Nelbi Alves da Cruz, o mais importante foi demonstrar o respeito pela cultural indígena e repassar para as gerações futuras este respeito, como forma de compensar, um pouco, o prejuízo cultural que estes sofreram desde a invasão dos portugueses até os dias de hoje em nosso país. Combater também o preconceito que ainda existe sobre estes povos, pois na verdade, todos nós, que somos considerados brancos, precisaríamos é de pedir mil perdões para estes bravos guerreiros!

Em Psicologia da Educação, com professora Dra. Maria do Carmo, o aprendizado mais importante foi entender o comportamento humano com ênfase no desenvolvimento da criança, que é mais específico da nossa área, estudando os principais teóricos desta categoria, como por exemplo, Freud, Wallon, Skinner, Piaget e Vygotsky.

Em Educação Infantil, também com a professora Dr. Maria do Carmo, me encantei com a abordagem do lúdico nas creches como forma de promover o processo de ensino aprendizagem das crianças nesta etapa de ensino.

Em Antropologia, professor Dr. Sérgio Luiz de Souza, o mais importante que aprendi foi o papel da alteridade em nossas vidas, tanto no que se refere na profissional como na pessoal.

Em meio às descobertas, havia o outro lado, muitas dúvidas surgiram, e poucas respostas apareciam, fazíamos as atividades sem muitos retornos, mas as notas eram dadas e com isto sabia que tinha aprendido, este era o nosso diálogo com os professores.

Acredito que pelo o que estudei na disciplina de Tecnologia e Mídias, é assim que funciona o curso de EAD, e o nosso por um período aconteceu com pouco diálogo virtual, mas ao mesmo tempo tínhamos a coordenação e colegas que, através de muitos questionamentos, conseguíamos algumas vezes ser ouvidas e isto pode ser mais explicitado na época que a minha turma de Pedagogia começou os estágios supervisionados. Foi neste período que realmente absorvemos de forma mais concreta o que é ser um acadêmico.

O que posso avaliar sobre estas situações que vivenciamos de dificuldades e também de contribuições, é que as coisas vão sendo construídas, e o nosso curso não foi diferente, tivemos que nos adaptar e ao mesmo tempo aprender, ora sozinhos, ora com os colegas, ora com o que era postado para nós na plataforma, mas uma coisa que mais me intrigou é que conseguimos aprender.

5. OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

O objetivo dos Estágios Supervisionados foi proporcionar momentos de interação entre mim e a comunidade escolar, com o intuito de trabalhar as relações entre os sujeitos e a instituição, adquirindo conhecimentos e experiências através da realidade concreta relacionando-se a prática do trabalho de campo com a teoria que estudei.

Com a realização do estágio foi possível ter uma visão mais ampla sobre o que é realmente estar em sala de aula, trabalhar pedagogicamente com as crianças, sentir de fato as dificuldades e necessidades dos profissionais e alunos no cotidiano da instituição.

O primeiro estágio supervisionado que fizemos foi o da Educação Infantil I e II, postaram-se as fichas na plataforma e colocaram os prazos para serem entregues sem nenhuma explicação mais aprofundada, então foi a hora da turma falar.

Exigimos explicações sobre como preencher aquelas fichas e que estas deveriam ser presenciais e graças a nossa reivindicação, atenderam ao nosso pedido.

Contrataram uma tutora para o estágio e sem sombra de dúvida nos ajudou demasiadamente para que pudéssemos realizar as etapas do estágio com qualidade.

Somente depois de feito a observação é que tivemos um momento com a professora do Estágio que por sua vez é uma professora maravilhosa, nos esclareceu ponto por ponto as etapas do estágio.

Ela nos orientou sobre quais materiais que precisávamos estudar, ou seja, Piaget e Vygotsky, os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, estes conteúdos estavam disponíveis nos materiais de apoio de Psicologia da Educação e Fundamentos e Práticas na Educação Infantil I.

Escolhi uma creche situada no meu bairro porque além de ser próxima, é uma creche que acolhe crianças de famílias com menor poder aquisitivo, público alvo com o qual pretendo trabalhar, ir onde o povo estar!

O primeiro contato que fiz foi com a diretora, fui muito bem acolhida por ela.

Combinei que voltaria no outro dia para fazer a observação escolar, e como gostei da rotina que eles organizaram para as crianças, a creche era toda decorada com desenhos ilustrativos, com alguma temática, na época que comecei, estava-se concluindo a semana do dia do índio e começando a semana do livro.

Fui de sala em sala para observar as instalações, na cozinha e por último me concentrei no Projeto Político Pedagógico, foi a primeira vez que me deparei com um

PPP, tinha estudado ele na disciplina de Didática II, com o professor Dr. Nilson Santos, mas não sabia concretamente como era um “ao vivo e a cores” e desta vez eu vi, li todo ele, e aprendi o quão um bom PPP pode ajudar na vida escolar da instituição de ensino:

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. "a dimensão política se cumpre na medida em que ela se realiza enquanto prática especificamente pedagógica" (Saviani 1983, p. 93). Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade. (VEIGA, 2002, p. 01).

E assim aconteceu, ainda não havia definido em qual sala ficaria primeiramente fiquei no berçário, mas como tinha pouca experiência pedagógica para trabalhar com bebês, juntando que as monitoras que ficavam no berçário não me receberam com boa vontade, parti para o maternal I, mas não tinha professora, somente monitoras, daí me desloquei para o maternal II e ufa! Consegui permanecer naquela salinha.

Como foi prazeroso trabalhar com aquelas crianças, na observação vi o que a professora passou para os alunos, ela me mostrou o seu planejamento, percebi que o seu não era do mesmo jeito que estavam exigindo o nosso, mas não comentei nada, somente observei.

O primeiro passo que fiz foi ler os materiais orientados pela professora, fui logo à disciplina de educação infantil e li a apostila da professora que falava sobre as teorias de Piaget e Vygotsky, depois passei para os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil e com estes me baseei na minha regência.

A preparação e aplicação da regência, para mim, são as partes mais ricas de aprendizados, erros, acertos e contato direto sobre a realidade dos professores.

Nesta fase, eu percebi que para lidar com situações do dia a dia é preciso um bom planejamento, sendo este feito dentro da realidade concreta da situação.

Os estudos sobre os Referenciais Curriculares Nacionais, RCN, foram decisivos para se fazer uma boa regência.

A Regência foi a parte mais desafiadora da etapa do estágio, pois o tema era complexo (*O dia da Educação*) e requeria uma maior reflexão e estudo para ser

desenvolvido a ponto que a turma conseguisse compreender dentro do seu nível de consciência e capacidades.

Os Referenciais Curriculares Para a Educação Infantil colocam que:

Os conteúdos conceituais referem-se à construção ativa das capacidades para operar com símbolos, ideias, imagens, e representações que permitem atribuir sentido à realidade. Desde os conceitos mais simples até os mais complexos, a aprendizagem se dá por meio de um processo de constantes idas e vindas, avanços e recuos nos quais as crianças constroem ideias provisórias, ampliam-nas e modificam-nas, aproximando-se gradualmente de conceptualizações cada vez mais precisas. (BRASIL, 1998a, v.01, p. 50).

Baseando-se nestes princípios o tema era possível de ser desenvolvido de forma que contemplasse a realidade das crianças:

Os conteúdos procedimentais referem-se ao saber fazer. A aprendizagem de procedimentos está diretamente relacionada à possibilidade de a criança construir instrumentos e estabelecer caminhos que lhes possibilitem a realização de suas ações. (BRASIL, 1998b, v.01, p. 51).

Portanto a produção da Regência se apoiou nestes conteúdos, principalmente nos atitudinais e nos princípios. Também o “saber fazer” de certa forma foi abordado, relativo à pintura, devido às crianças ainda não terem firmados a sua coordenação motora, que neste caso da regência foi trabalhada a coordenação motora fina.

Além da pintura, optei por fazer atividades de contar histórias e por fim brincadeiras livres na área verde da escola.

No maternal II, que já era em outra sala, a minha regência foi sobre os movimentos do corpo, apliquei atividades de recorte, colagem e pintura, utilizei músicas infantis, e atividades recreativas com bambolê e o jogo da amarelinha.

Sobre a questão das músicas que foram cantadas, as crianças interagiram muito com a atividade formando um clima de alegria e expressividade entre nós.

Elas sorriam, pulavam, cantavam, tentavam fazer os gestos mais rápidos que os outros colegas, eu também entrei na brincadeira e me vi criança novamente. Foi muito prazeroso!

Nos Referências Curriculares Nacionais colocam que as brincadeiras que envolvem o canto e o movimento, simultaneamente, podem possibilitar a percepção

rítmica, a identificação de segmentos do corpo e o contato físico. (BRASIL, 1998c, v.03, p. 30). A hora das canções me mostrou bem estas questões. Outro ponto importante sobre as canções é o papel das emoções demonstrado pelo sentimento de alegria que contagiou toda a sala de aula.

Posso afirmar que quando terminei o estágio da Educação Infantil I e II, tive a sensação que aprendi muito mais do que ensinei, aprendi que nesta profissão, além de precisarmos ter uma boa formação teórica, ou seja, estudar as teorias universais que abrangem a educação, precisamos também ter amor às crianças, entender suas particularidades, respeitá-las e ouvi-las mais, proporcionar o prazer da brincadeira.

Além destes aspectos sobre a regência, uma situação que não via e com o estágio enxerguei melhor, foi a importância do setor de apoio da instituição, ou seja, a cozinha, a limpeza a administração em geral, tive uma visão mais ampla do corpo da escola, da sua vida, se estas áreas não funcionam, a escola padece.

Portanto a partir desta dessas observações, consegui compreender melhor que a escola não é constituída só de alunos e professores, mas sim de toda uma equipe.

Vi e li muito sobre o lúdico nos materiais de apoio das disciplinas, mas só fui conseguir entender na prática o que ele significava e o tamanho da sua importância pra o desenvolvimento das crianças em fase da sua formação social e moral, Kishimoto (1996) defende que: “a infância é também, a idade do possível. Pode-se projetar sobre ela a esperança de mudança, de transformação social e renovação moral”.

Além disto, aprendi que a brincadeira não é só uma mera distração, ela tem um papel importante no desenvolvimento da criança, pois como, na minha fase escolar não havia muitas brincadeiras, nunca imaginaria que elas fossem atividades “sérias” no quesito da formação infantil.

No outro estágio que foi o do ensino fundamental, já foi um pouco diferente, pois aquele encanto, a presença do lúdico simplesmente foi desaparecendo nas escolas de séries iniciais, isto me fez lembrar a Disciplina de Gestão Básica I, onde a professora Andréia da Silva Quintanilha Sousa, disponibilizou um vídeo de um educador que se chama Celso dos Santos Vasconcellos.

Neste vídeo ele expõe sobre a gestão em sala de aula nas séries iniciais e questiona as escolas por agirem de forma diferenciada quando se chega nesta etapa do ensino, ele critica que na concepção de muitos professores quando a criança vai para o ensino fundamental, ela precisa aprender a ler e escrever, portanto as brincadeiras, os jogos, a recreação, enfim o lúdico, não é mais preciso, pois o momento agora é de fazer

“coisa séria”, impondo disciplina e etc., mas na verdade isto é totalmente equivocado, pois a ludicidade precisa estar presente na vida das crianças até que ela chegue à fase adulta, estas atividades precisam estar na ordem do dia de todas as crianças seja na educação infantil como no ensino fundamental, o que se tem de mudar é a metodologia das atividades, já que nesta fase o desenvolvimento cognitivo precisa ser mais abrangente.

Por isso quando elaborei minhas regências no estágio do Ensino Fundamental, pensei em fazer algo diferente do cotidiano das professoras, claro que com os seus consentimentos, pois achava muito importante respeitar a professora e, além disso, dialogar com elas sobre as atividades que propus para fazer na sala de aula no sentido de conquistá-las sem provocar um clima de competição e sim de soma de ideias e conhecimento.

Na regência do primeiro e segundo ano trabalhei mais aspectos de leituras e valores.

Mais especificamente, no 1º ano, escolhi organizar o cantinho da leitura, juntamente com as crianças com o objetivo de incentivá-las a se familiarizarem com os livros, estimular a curiosidade e o gosto pela leitura, o que é papel muito importante na vida escolar como na vida diária.

Já no tema do 2º ano foi sobre valores, mas utilizei a leitura e conceitos sobre o tema.

Nestas regências, eu fui a contadora das histórias com o intuito de poder encantar os alunos, pois nesta fase, textos com palavras difíceis nem sempre são entendidos pelas crianças, por isso me baseei no que os Parâmetros Curriculares Nacionais falam a respeito:

Além das atividades de leitura realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor há as que podem ser realizadas basicamente pelo professor. É o caso da leitura compartilhada de livros em capítulos, que possibilita aos alunos o acesso a textos bastante longos (e às vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-los, ainda que nem sempre sejam capazes de lê-los sozinhos.

A leitura em voz alta feita pelo professor não é uma prática muito comum na escola. E, quanto mais avançam as séries, mais incomum se torna, o que não deveria acontecer, pois, muitas vezes, são os alunos maiores que mais precisam de bons modelos de leitores. (BRASIL, 2011, p. 64).

No terceiro ano planejei uma experiência científica simples, sobre como acontecia a chuva, foi muito interessante porque a professora estava dando o conteúdo sobre os estados físicos da água, então eu aproveitei e apliquei a experiência da chuva artificial.

O intuito desta experiência era levar para o ambiente da sala de aula algo diferente e que pudesse unir a teoria estudada com a prática, então foi isso que tentei fazer, pois as escolas públicas municipais de Rondônia são muito precárias e levar uma ação experimental, que para aquela realidade é algo novo, é levar o conhecimento e estimular os alunos a gostarem daquele conteúdo e foi muito gratificante, porque eles, através daquela experiência, puderam identificar com mais clareza o conteúdo que estava sendo exposto.

No quarto e quinto anos as professoras me propuseram que eu trabalhasse Matemática na minha regência, achei mais complicado porque minha relação com a Matemática é mal resolvida, ou seja, eu gostava de Matemática, mas tinha dificuldade em entender alguns conteúdos da matéria, hoje, digo que entendi o porquê desta contradição, nunca estudei Matemática da forma que deveria ser como bem explica os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre aprender Matemática:

Tradicionalmente, a prática mais frequente no ensino de Matemática era aquela em que o professor apresentava o conteúdo oralmente, partindo de definições, exemplos, demonstração de propriedades, seguidos de exercícios de aprendizagem, fixação e aplicação, e pressupunha que o aluno aprendia pela reprodução. Considerava-se que uma reprodução correta era evidência de que ocorrera a aprendizagem. Essa prática de ensino mostrou-se ineficaz, pois a reprodução correta poderia ser apenas uma simples indicação de que o aluno aprendeu a reproduzir, mas não apreendeu o conteúdo. (BRASIL, 1997b, v.03, p. 30).

Portanto posso dizer que aprendi Matemática estudando para ensinar Matemática.

O último estágio foi o de Gestão Escolar, este tem uma finalidade diferente dos estágios na Educação Infantil e no Ensino Fundamental dos Anos Iniciais.

Com a realização deste, foi possível compreender outro olhar sobre o espaço escolar que vai além das salas de aulas.

Na revista eletrônica sobre docência, o professor Marci Batistão define bem o caráter do Estágio Supervisionado em Gestão:

Difere-se, entretanto, das demais formas de estágio das licenciaturas, justamente por ter como foco o campo não docente, ou seja, a área que envolve a coordenação do trabalho pedagógico escolar, razão pela qual se torna peculiar. (BATISTÃO, 2013, p. 15).

Aprendi muito, principalmente sobre o que é a democracia nas escolas e a falta dela.

Felizmente fiz este estágio na mesma creche que fiz o estágio da Educação Infantil I e II, o clima de cooperação é muito presente nesta escola, a diretora realmente tenta aplicar a gestão democrática, embora ainda se tem os resquícios do autoritarismo, mas percebi que a gestão democrática é construída dia após dia e os reveses podem surgir, mas nada mais lindo do que a força do coletivo para impedir que as velhas ideias se infiltrem, o novo surge e não há mais espaço para o que está atrasado.

O que mais se chamou atenção é que a gestão mesmo com todos os problemas burocráticos, consegue realizar a sua função emancipadora, participativa, de construção da cidadania, de defensora dos valores culturais decorrentes da comunidade local, contrária à uma gestão verticalizada sem espaço para discussões sobre os rumos da escola:

O professor Vitor Henrique Paro em seu texto de apresentação no V Seminário Internacional Sobre Reestruturação Curricular defende que:

Se se pretende, com a educação escolar, concorrer para a emancipação do indivíduo enquanto cidadão participe de uma sociedade democrática e, ao mesmo tempo, dar-lhe meios, não apenas para sobreviver, mas para viver bem e melhor no usufruto de bens culturais que hoje são privilégio de poucos, então a gestão escolar deve fazer-se de modo a estar em plena coerência com esses objetivos. (PARO, 1998, p.05).

Assim é que se constrói o sentimento democrático, porque neste mundo em que vivemos não nos ensinaram nada sobre isto, muito pelo contrário nos ensinaram a ouvir e a obedecer e nunca expormos nossas ideias, nossos anseios, mas isto vai acabar e poderemos nos sentir agentes ativos do funcionamento das escolas.

Freire (1967a, p.12), fala em seu livro intitulado “Educação como Prática da Liberdade” que “A democracia é como o saber: uma conquista de todos”.

Por fim o que posso dizer, ou melhor, reforçar é que esta etapa da faculdade foi crucial para mim, pois ela me fez reforçar a vontade de ser professora, mas não para

cumprir ordens e diretivas que vem de cima, mas para levar o verdadeiro conhecimento para o povo, levar a verdade e incitá-los a transformar este mundo como Marx defende, ou seja, através de uma revolução radical entendendo que a educação serve como um instrumento deste processo, porém não é o instrumento principal para se chegar a tal e eu neste mundo escolhi estar colaborando pelo menos um pouco dentro da educação para mudar o sistema que vivemos, com a consciência que esta possui um limite. Na apostila da Disciplina de Filosofia da Educação o autor Gomes (2013) explana a respeito da teoria de Marx:

Do ponto de vista político, denunciam a exploração de uma classe por outra e defendem a educação universal e politécnica. Dentro da perspectiva marxiana, seria idealismo acreditarmos que a educação resolveria todos os problemas sociais, pois a escola, como qualquer outra instituição é, não altera sozinha as relações marcadas pela desigualdade. No entanto, isso não implica em afirmar que não existam tarefas políticas para os educadores. Dentro da perspectiva marxiana, o homem se faz a partir do conjunto das relações sociais. A humanização do homem só pode ser compreendida dentro da sociedade e pela sociedade. Ao contrário de Hegel, para quem a consciência determina a vida material e real, em Marx são as relações materiais que determinam a consciência.”

[...] “Porém, ainda que a educação não resolva todos os problemas, uma das possibilidades de buscar a emancipação de todos os homens reside na integração entre ensino e trabalho. Essa uniformidade chama-se ensino politécnico. Por meio dessa educação politécnica, o ser humano poderá dar os primeiros passos em direção à emancipação. A integração entre ensino e trabalho constitui-se na maneira de sair da alienação crescente, reunificando o homem com a sociedade. Essa unidade, segundo Marx, deve dar-se desde a infância. Dessa forma, o ensino surge como instrumento para o conhecimento e também para a transformação da sociedade e do mundo. Esta é a possibilidade e o caráter transformador da educação. O homem, e no caso específico, a classe operária, para Marx, por si só, não conquista sua filosofia e consciência de classe, sua consciência política, fundamentalmente pela razão de ter sido destituída, desde o princípio, dos meios que lhe permitiriam consegui-lo. Por essa razão, há necessidade de um processo educativo dirigido para um projeto político e pedagógico definido e orientado aos interesses da grande maioria excluída. Dessa forma, é que surge o papel estratégico da escola, dos educadores e intelectuais, os quais, em nosso entender, são decisivos para a construção da consciência de classe daqueles que são excluídos do trabalho e dos bens necessários para uma vida com dignidade.” (MARX apud GOMES, 2013, p. 73 e 74.)

Portanto é assim que penso sobre a educação, um instrumento de transformação da sociedade, de luta, porém não é a ferramenta principal para tal.

CONCLUSÃO

Para mim, o saber é como se fosse beber água com sal, quanto mais bebemos mais sede sentimos.

Por isso quero sempre procurar saber mais, isto implica em estudar, praticar e no momento, principalmente praticar, porque já vão para seis anos de faculdade e agora é chegada a hora de trabalhar como educadora.

Sei que o mercado de trabalho está saturado, sei também que a educação não é valorizada pelo Estado, estou ciente que o salário do professor no Brasil é baixo, que é preciso fazer uma pós-graduação para poder aperfeiçoar os meus conhecimentos e também acumular “títulos” ou não conseguirei vaga nas escolas como professoras nos próximos testes seletivos ou quem sabe num concurso, e por fim terei que encarar novos desafios da profissão.

Mas o principal disso tudo é que não me arrependi de chegar até aqui, mesmo com todas as dificuldades que eu e minhas colegas passamos.

Minha perspectiva é me tornar professora ativa, poder sentir o cheiro de borracha e lápis misturado com cola e papel de bala.

É ser aquela professora lembrada pelos os seus alunos até quando estes estiverem bem velhinhos.

Dentre isto, também quero desenvolver projetos na área da educação que abranjam a importância das brincadeiras em todas as fases escolares, enfatizando principalmente o ensino fundamental, na área da arte e da leitura.

Enfim, daqui há alguns anos, depois de ter acumulado experiências práticas, fazer um mestrado.

O que vejo como balanço da minha trajetória acadêmica é que todos os momentos que tive foram aprendizados importantes para a minha prática como futura professora, a Educação à distância me proporcionou ingressar numa universidade, porém é necessário enxergarmos os aspectos positivos e negativos deste modo de ensino, pois vejo como positivo a questão de aprendermos a organizar os nossos estudos, cobrar de nós mesmos, de aprendermos a manusear as tecnologias e mídias do mundo atual. De aspecto negativo vejo que as discussões, os debates sobre as ideias, as matérias, foram muito vagas, muito poucas, tivemos poucos momentos presenciais, e

acho que se tivéssemos tido mais destes momentos, eu e nossa turma, poderíamos absorver mais conhecimentos.

Tenho muita vontade de ser professora, amo a educação, amo as crianças e os jovens, e acho que isto é a base maior para exercermos esta profissão tão importante, além da coragem, pois este sistema que vivemos não há interesse algum em levar ao povo o verdadeiro conhecimento e por isso quem arrisca entrar na educação para leva-lo às pessoas precisa-se ter muita coragem

Freire (1967b, p.97) diz que: “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.” Faço minha as suas palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTÃO, Marci. *Estágio supervisionado em gestão da educação escolar*. Revista Eletrônica PRODOCÊNCIA/UEL. Edição Nº. 4, Vol. 1, jul-dez. 2013. ISSN 2318-0013 – Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/Volume4/TEXT O%2002%20p. 15%20a%2023.pdf](http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/Volume4/TEXT%20O%2002%20p.%2015%20a%2023.pdf)>. Último acesso em 05/10/2017.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais*/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. - 3.ed -Brasília: A Secretaria, 2011. 10v.: il.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: matemática*/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 142p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade*/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOMES, Marco Antônio de Oliveira. *Apostila de Filosofia da Educação*, UNIR/UAB, Porto Velho: 2013.

IBGE. Rondônia/Corumbiara/Histórico, 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmum=110007>> Último acesso em: 17/12/2017.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida (org.). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e A Educação*. São Paulo: Cortez, 1996.

LIBÂNEO, José C. *A Democratização da Escola Pública*. São Paulo, Loyola, 1987.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo, Cortez, 1990.

PARO, Vitor Henrique. *Gestão da Educação ante as Exigências de Qualidade e Produtividade da Escola Pública*: Trabalho apresentado no V Seminário Internacional Sobre Reestruturação Curricular, realizado de 6 a 11/7/1998, em Porto Alegre, RS. Publicado em: SILVA, Luiz Heron da; org. A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis, Vozes, 1998. p. 300-307. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2010/a_ge stao_da_educacao_vitor_Paro.pdf>. Último acesso em 05/10/2017.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (org) Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 14a edição Papyrus, 2002.